

**CISNE NEGRO: UM CASO DE PARANOIA QUE CONFIRMA A  
TEORIA PSICANALÍTICA DA DOENÇA**

Vera Maria de Oliveira Nusdeo

Ciclo IV – 4ª. feira manhã

[veranusdeo@uol.com.br](mailto:veranusdeo@uol.com.br)

## **I – INTRODUÇÃO**

O presente trabalho procura identificar elementos que indicam uma constituição paranoica na personagem principal do filme “Cisne Negro”, Ninna, lançado em 2011, com direção de Darren Aaronofsky, diretor de outros filmes considerados “difíceis”.

Após um breve resumo da película, serão apresentados alguns dos principais apontamentos de Freud sobre o tema, com alguns outros autores de suporte e, por fim, serão apontados os elementos do filme que indicam, no meu entender, as marcas de uma paranoia grave na personagem Ninna.

## **II – BREVE RESUMO DO FILME**

O filme gira em torno de Ninna (Natalie Portmann), uma bailarina do principal Ballet da cidade de Nova York em busca de maior destaque, o qual procura obter com disciplina e dedicação férreas na busca da perfeição completa.

Já no início vemos uma moça de vinte e poucos anos acordando em um quarto de “princesa”, extremamente infantilizado para sua idade. No café da manhã, com sua mãe, as únicas habitantes da casa, também reina um clima de jardim da infância. Nesta introdução, percebe-se que Ninna não tem outros interesses na vida a não ser a dedicação total à dança, no que conta com total apoio da mãe, também ela uma ex-bailarina que, tudo indica, não alcançou o sucesso almejado e agora busca se realizar através da filha, com inúmeros indicativos de sentimentos ambivalentes com relação a isso.

Em nenhum momento do filme há uma presença paterna, ainda que somente mencionada. Sabe-se apenas que a mãe parou de dançar aos 28 anos quando ficou grávida.

Ao chegar no Ballet para os ensaios gerais, Ninna fica sabendo que será feita uma nova montagem do ballet “O lago dos cisnes” de Tchaikowsky , e também que a principal bailarina até então irá se aposentar, lavando-a a buscar o papel principal.

O diretor, Thomaz, (Vicente Cassel), porém, não se demonstra minimamente inclinado a escolhê-la, pois acha que ela, apesar de tecnicamente perfeita, não possui a paixão e a sensualidade exigidas para desempenhar, além do papel do cisne branco - a jovem donzela transformada em cisne por um feitiço - o cisne negro, qual seja, a rival que seduz o príncipe que poderia desfazer a maldição.

Ninna lança-se na busca pelo papel e Thomaz acaba por julgar possível que ela o desempenhe, não sem tentar – de todas as formas - despertar nela a sensualidade necessária para tal, levando-a a romper limites até então adormecidos e pressionando-a sem tréguas para que demonstre a paixão e a força necessárias. Chega, inclusive, a lhe sugerir que se masturbe, para poder desenvolver alguma sensualidade. Ninna obedecerá, mas irá se deparar com a mãe sentada na poltrona ao lado de sua cama, adormecida, fazendo com que se iniba e sinta constrangimento.

Ninna apresenta algumas irrupções cutâneas nas costas, aparentemente derivadas de uma compulsão por se coçar e também apresenta sangramento nas cutículas das unhas. A mãe, quando vê estes sinais, que já

existiram e que, aparentemente, julgava resolvidos, apressa-se a cortar suas unhas de forma agressiva numa clara demonstração de impaciência.

Em várias outras situações, vê-se a presença onipresente nociva da mãe, com amargura, inveja e até mesmo com sutil violência, ao mesmo tempo em que tenta se alegrar com o sucesso da filha. Há uma relação bastante doentia entre elas, entre a extrema dependência e a hostilidade, neste caso, principalmente da mãe.

No desenrolar do filme, Ninna começa a ter alguns delírios, principalmente com imagens, por exemplo: uma pessoa que se aproxima no metrô de forma meio assustadora que, ao chegar perto, tem sua própria cara.

Enquanto Ninna luta para atingir os padrões de garra e sensualidade exigidos pelo diretor, muitas vezes beirando o sadismo, surge a figura da rival/amiga, Lilly, uma bailarina recém chegada à cidade, cheia de sensualidade e naturalidade, escolhida como a substituta de Ninna, caso necessário, mas que também busca alguma aproximação com ela.

Nesta aproximação, Ninna como que desperta para o crescimento e enfrenta a mãe pela primeira vez, ao concordar em ir jantar fora com Lilly. No jantar, Lilly lhe oferece *ecstasy*, para que ela relaxe, mas ela recusa. Depois, em uma *boite*, Ninna acaba tomando um drink com a droga e se solta mais.

Uma cena traz forte esta busca pelo crescimento e pela separação da mãe: numa de suas crises com os ensaios e com as exigências de Thomaz, Ninna chega em casa e joga no lixo todos os bichinhos de pelúcia que enfeitavam seu quarto de princesa.

A partir daí, os delírios que já vinham aumentando conforme a pressão aumentava, tornam-se constantes, a ponto de não sabermos exatamente o que é real o que é imaginário. Em vários momentos, além de delírios surgem algumas alucinações; vê-se uma figura com toques demoníacos surgindo (o cisne negro nascendo?).

Ninna vai para casa com Lilly após a balada e fazem sexo com volúpia, levando Ninna a um forte orgasmo. Lilly já não está em casa quando acorda e a mãe sequer lhe dirige uma palavra.

Ao chegar atrasadíssima para os ensaios (a estréia está chegando), Ninna vê Lilly ensaiando no papel principal e Thomaz é bastante ríspido com ela, levando-a a crer que tivesse perdido o papel; quando Lilly vem se explicar quanto à situação, Ninna indaga porque ela não estava em casa pela manhã, quando Lilly olha com estranhamento: todo o desenrolar posterior à balada tinha sido apenas outra alucinação de Ninna (ou só um sonho, como manifestação de desejo?).

A figura de Lilly também apresenta algumas dubiedades: não se sabe até que ponto pretende o lugar de Ninna como bailarina principal e até que ponto, de fato, tem alguma estima por ela e sua aproximação é autêntica.

Na véspera da estréia, Ninna fica ensaiando até mais tarde que todos, tem outra alucinação com a bailarina aposentada, e, ao chegar em casa, tem uma séria briga com sua mãe, chegando a agredi-la. No dia seguinte, a mãe não a chama na hora e avisa ao diretor que ela não está bem. Quando ela acorda e percebe a situação sai correndo para o teatro; chegando, vê Lilly já pronta para assumir o papel.

Ninna age como se estivesse tudo bem e começa a se maquiar para o espetáculo – Thomaz se convence a deixá-la se apresentar.

No primeiro ato, quando apenas o cisne branco está em cena, Ninna está assustada, dura, com alguns delírios – não consegue o desempenho satisfatório e chega a cair das mãos do bailarino seu partner. Thomaz fica furioso no intervalo e ela se tranca em seu camarim quando se encontra com Lilly, que a desafia e confronta dizendo que ela irá fazer o papel de cisne negro. As duas brigam fisicamente e um espelho é quebrado; com um dos cacos, Ninna atinge Lilly que sangra até desfalecer (ou morrer?). Durante a briga, Lilly ora aparece com sua cara, ora com o rosto de Ninna com expressão demoníaca. Ninna esconde o corpo no banheiro, limpa a sujeira e segue para o segundo ato, o ato do cisne negro.

Neste ato, Ninna se transforma em cisne negro e o filme lança mão de artifícios em que se vê a transformação física da personagem em um ser cheio de paixão, sensualidade e ira. O desempenho é magnífico e todos ficam maravilhados.

Ao retornar para o camarim, antes do ato final, Lilly bate à porta para cumprimentar a amiga: a briga havia sido mais uma alucinação de Ninna.

No último ato, Ninna arrebatada a todos com intensidade absurda, ao subir ao alto, de onde se lança, como cisne branco, para a morte. Quando os aplausos explodem, Thomaz e todas as demais bailarinas vão buscá-la para os agradecimentos, quando percebe-se que ela está sangrando verdadeiramente na altura de onde supostamente tinha atingido Lilly com o caso de espelho; nesse momento, morre, dizendo “foi perfeito!”.

### III – PSICOSE

Em seu texto “Neurose e Psicose”, de 1923, Freud pontua sucintamente: “a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo”.

Neste texto, Freud fala ainda na forma mais grave de psicose (que, hoje, chamaríamos de esquizofrenia), na qual o mundo exterior não é percebido de modo algum ou a percepção dele não possui nenhum efeito. No entanto, há várias gradações no mecanismo da psicose, sendo os principais tipos a esquizofrenia e a paranoia, já assim reconhecidas por Freud na Conferência XXVI. Este trabalho não busca o estudo e características de cada uma delas, mas o mecanismo geral, caracteriza a estrutura psicótica.

É importante notar que na paranoia predominam os delírios - mais do que as alucinações, que não deixam de ser uma forma de organizar a realidade. O paranoico, muito frequentemente, não perde o contato com a realidade – há uma manutenção do laço social, da vida cotidiana, apesar dos delírios, que podem ser de vários tipos: persecutórios, de erotomania, de ciúmes, etc.

Também deve ser realçado que o neurótico, às vezes, apresenta alguns episódios típicos delirantes ou situações em que sua reação poderia ser classificada de psicótica, mas não como estrutura.

A psicose relaciona-se com a resolução do complexo de Édipo, que – na hipótese - não ocorre, levando à permanência no narcisismo primário. Nesse caso, a criança se indaga o que tem que ser para a mãe (ou quem lhe faça as vezes) continuar a gostar dela e assume que tem que ser desejável e corresponder a uma imagem.

O psicótico permanece nos processos primários, tipicamente infantis, que opera basicamente sob a égide do princípio do prazer. Não há, pelo menos não de forma muito desenvolvida, o processo secundário – posteriormente introduzido - que segue o princípio da realidade.

Em “A Dissolução do complexo de Édipo”, de 1924, Freud ensina que a saída da ilusão de completude, típica do narcisismo e das primeiras fases do complexo de Édipo tendem a encontrar solução no terceiro tempo, quando um terceiro (função paterna) é introduzido na relação dual mãe/filho, gerando uma dupla interdição: para a mãe e para o bebê.

Esta interdição é estrutural e tem como consequência o surgimento do Ego, como instância intermediadora entre o Id e o Superego, levando em conta o princípio da realidade; se não ocorre a interdição, há consequências, dentre as quais a permanência na célula narcísica, que é uma das características da psicose; permanece uma simbiose sujeito/objeto e uma certa alienação com relação ao mundo externo.

Como é sabido, a entrada no Édipo, para a menina, ocorre com a castração: ela culpa a mãe pela sua castração e vai buscar compensá-la com o pai, basicamente fantasiando ter um filho dele. Como o pai não pode lhe dar o filho, haverá nova frustração da menina que, então, voltará novamente para a



mãe, em busca de ensinamentos sobre “ser mulher” e conquistar alguém como o pai – esta seria a saída “natural”, que introduz a feminilidade. Contudo, pode ocorrer uma rejeição à castração, gerando perversão ou psicose ou mesmo uma angústia tamanha que ela regride ao período anterior, e não desiste da mãe, numa atitude masculina ou no relacionamento com figuras que são como a mãe.

Considerando a velha máxima segundo a qual o Superego é o herdeiro do complexo de Édipo (quando a criança desiste de sua paixão edípica para preservar-se da castração física e as energias objetais são substituídas por identificações, a autoridade dos pais é introjetada formando o núcleo do superego), na falta da interdição típica do Édipo no psicótico, não há um superego internalizado e estruturado. O limite será sempre dado pelo externo.

A resolução do complexo de Édipo gera angústias, criando mecanismos de defesa. Na neurose, o mecanismo de defesa típico é o recalque, ao passo que na psicose é a rejeição (à interdição). Também de relevo na paranoia é o mecanismo da projeção, que – porém – não é exclusivo dessa estrutura.

Em “Neurose e Psicose”, Freud entende que a etiologia de uma psicose e de uma neurose é sempre uma frustração de um desejo infantil profundamente enraizado na organização filogeneticamente determinada.

No texto “Sobre o Mecanismo da Paranoia” (parte III do “Caso Schreber, e também na Conferência XXVI), Freud associa a paranoia – sempre – a um desejo homossexual repellido violentamente, gerando delírios de

perseguição dessa espécie. Daí que, segundo ele, o perseguidor dos delírios é sempre do mesmo sexo do sujeito.

Ainda nesse texto, Freud ensina que os sintomas, na paranoia, são formados a partir do mecanismo de projeção: uma percepção interna é suprimida e, após sofrer alguma deformação, ingressa na consciência sob a forma de percepção externa. Por isso, na paranoia, a presença do outro é excessiva e persecutória.

Analisando este texto, Nasio ressalta que Freud constatou a ausência ou fracasso da experiência da castração e do Édipo em Schreber. Como a irrupção de uma representação feminina para ele era insustentável, Schreber busca um tratamento progressivo através do delírio, que seria então uma forma de defesa, tal como as neuroses o são.

Ainda de acordo com Nasio, a paranoia é a expressão de uma fixação narcísica e também a luta contra essa fixação.

#### **IV- NINNA: UMA PSICÓTICA?**

O personagem de Ninna, no filme, sugere – sem dúvida – uma personagem de estrutura psicótica: há uma visível fusão com a mãe, em que as bordas de uma e de outra chegam a ficar borradas: em uma cena, a mãe fala que, quando pequena, Ninna ia forçada para as aulas e, se não fosse ela, teria desistido. Ou seja, de quem é o desejo de ser bailarina?

Aliás, a ambiguidade da mãe com relação à filha é manifesta: ela pouco consegue disfarçar a inveja que sente da filha que está lhe ultrapassando profissionalmente e parece lhe atribuir a culpa por sua carreira

não ter decolado – hipótese inverossímil, pois engravidou com 28 anos (velha para uma bailarina).

A mãe é uma figura tóxica, invasiva, sádica, que mutila a filha com seu cuidado excessivo e constante. Não houve outra referência para Ninna.

Por outro lado, não se sabe nada sobre o pai – sua figura não é sequer citada ao longo do filme, de forma que não se sabe se a mãe é solteira, viúva, divorciada, etc. Visivelmente, a função paterna não entrou e não foi feita a devida interdição. A célula narcísica permaneceu e fica claro que a mãe não permitiu qualquer função paterna na forma infantilizada que se relaciona com a filha. Qualquer movimento da filha que sugira um mínimo de independência e desejo próprio e prontamente barrado pela mãe.

No caso de Ninna, o conceito de “psicose encapsulada” de Joyce McDougall parece enquadrar perfeitamente: a sua rotina anterior de busca obsessiva pela perfeição, com disciplina e controles constantes, mantiveram sua psicose como que adormecida, porém, tão logo uma situação de estresse, que a tirou de seu controle e de seu ninho narcísico com a mãe, deu-se a eclosão psicótica.

Seus sintomas físicos poderiam até sugerir uma estrutura com alguma neurose de transferência, porém, não parece ser o caso.

Também estão presentes os elementos de caráter homossexual: a mãe que não se separou da filha e não permitiu seu crescimento e integração, a rival/amiga/amante de suas alucinações (sonhos?), os delírios persecutórios, sempre com figuras femininas.

Por fim, quando da alucinação final, em que ela briga com a rival/colega e acaba por se ferir, pensando ter matado a colega, é interessante

notar que o rosto da rival, às vezes, é o seu próprio, com um ar demoníaco. Tal alucinação aparece outras vezes, sugerindo que o “cisne negro” precisa matar o “cisne branco” literalmente, para poder surgir.

O final sugere, na minha opinião, isso: como uma integração da personalidade não foi possível, em que as ambivalências pudessem ser vividas e equilibradas, como não houve a separação da célula narcísica com a mãe, só a morte torna possível que ela dê vazão a tantas pulsões. Não por acaso, a última pessoa para quem ela olha, antes de se lançar como “cisne branco” para a morte é sua mãe.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1- Freud, Z. – *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)*, 1911;
- 2- \_\_\_\_\_ - *O processo primário e Secundário*, in *A Interpretação dos Sonhos*, 1900;
- 3- \_\_\_\_\_ - *Alguns mecanismos neuróticos nos ciúmes, na paranoia e na homossexualidade*, 1922;
- 4- \_\_\_\_\_ - *Neurose e Psicose*, 1924;
- 5- \_\_\_\_\_ - *A perda da realidade nas neuroses e na psicose*, 1924;
- 6- \_\_\_\_\_ - *A dissolução do complexo de Édipo*, 1924
- 7- \_\_\_\_\_ - *Conferência XXVI – A teoria da libido e o narcisismo*, 1916/17;
- 8- \_\_\_\_\_ - Conferência, XXX
- 9- Nazio, J.D. - *Os grandes casos de psicose*, Ed. Zahar, 2000;

10-Capitão, Claudio G. e Carvalho, Érica B. – Psicossomática: duas abordagens de um mesmo problema in PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, v. 7, nº 2, p. 21-29, Jul./Dez. 2006

11 - Aula sobre “Formas de Psicose”, Alexandre Simões - <https://www.youtube.com/watch?v=smsmWlnkq98> -